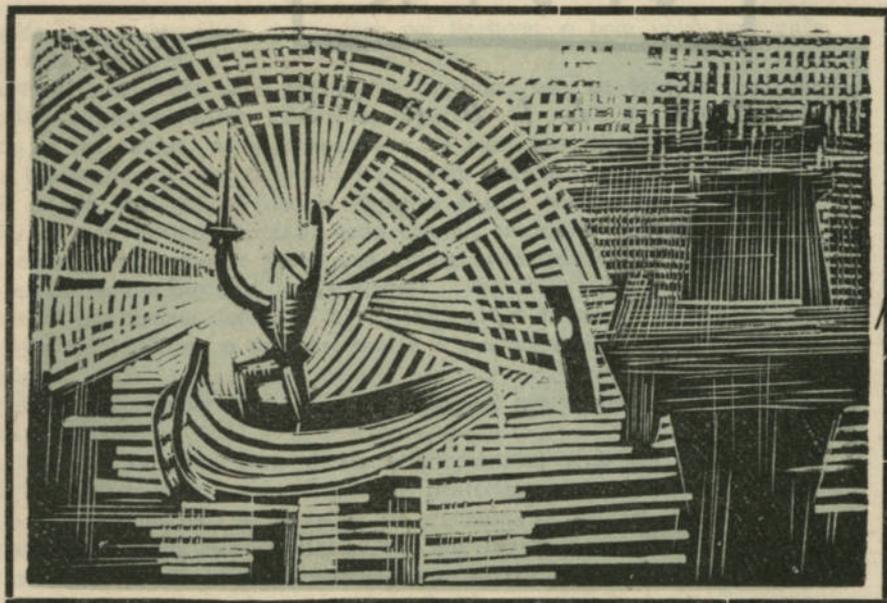


HISTÓRIA DO GRANDE  
SONHO DO ENCOBERTO

L. 129846 V.



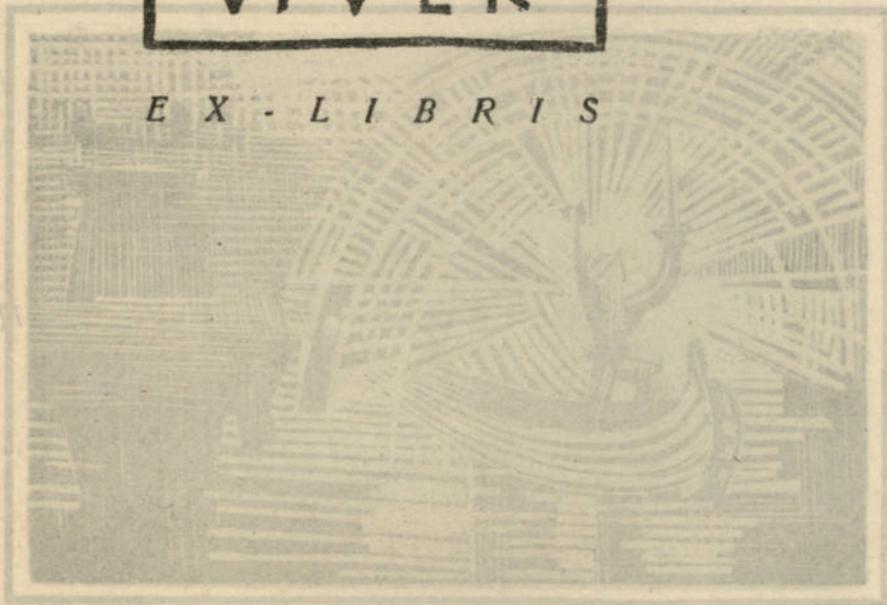
155236

COLEÇÃO PÁTRIA — LIVRO NÚMERO TRINTA E SETE

LISBOA ~ EDIÇÕES S. P. N. ~ 1943



E X - L I B R I S



COLEÇÃO PÁTRIA — LIVRO NÚMERO TRINTA E SETE

COMPOSTO E IMPRESSO NAS GRANDES  
OFICINAS GRÁFICAS «MINERVA», DE  
GASPAR PINTO DE SOUSA, SUCRS., LTD.ª  
VILA NOVA DE FAMALICÃO — 1943

LISBOA — EDIÇÕES S. P. N. — 1943

## LIVRO TRINTA E SETE

### HISTÓRIA DO GRANDE SONHO DO ENCOBERTO

Desde que os espanhóis dominavam em Portugal, o bom povo português perdera tódá a alegria.

Portugal não tinha sido anexado à Espanha, não se tornara província espanhola, continuava a ser um reino, separado do reino de Espanha, conservando a sua língua, os seus costumes, as suas leis; mas nada disto nos tornava independentes; era tudo um fingimento porque o rei de Espanha era também rei de Portugal. Vivia em Espanha e aqui em Lisboa havia um governador ou um vice-rei que fazia tudo que éle mandava. E essa gente tratava a nossa terra como se fôsse uma quinta arrendada e só tratava de lhe tirar o maior rendimento sem lhe dar nada.

Aquêles que tinham defendido a sua terra até à última, ou o tinham pago com a vida ou espiavam o seu heroísmo e o seu amor pátrio, nas prisões ou no destêrro.

O povo empobrecido e já sem esperança, caíu numa grande tristeza, numa salvação milagrosa.

Uns poucos de anos antes dêstes acontecimentos vivia em Trancoso um sapateiro que fazia versos com modos de profecias; e o povo gostava tanto daqueles versos, que tódá a gente os lia e muitos os sabiam de cor. Uma das coisas que diziam essas profecias era que *um bom rei Encoberto* havia de vir salvar o povo oprimido, estabelecer o direito e a justiça, e trazer a felicidade àqueles que a tinham perdido. O tal sapateiro poeta de Trancoso, chamava-se Gonçalo Anes Bandarra; e como várias coisas que éle escrevera tinham saído certas, o povo começou a acreditar na vinda daquele bom rei Encoberto em que falavam as profecias do Bandarra. Os versos diziam assim:

*«Este rei tem tal nobreza  
Qual eu nunca vi em rei;  
Este guarda bem a lei  
Da justiça e da grandeza.»*

Como acontece muitas vezes aos doentes ou às pessoas que perderam tudo, e que, não vendo maneira de sair da miséria em que se encontram, procuram salvação ou consolação em sonhos, em coisas imaginadas, assim o povo português vendo o seu mal sem remédio, principiou a imaginar, a sonhar uma grande saúde da sua independência. Nunca Portugal sentira a cança de um govêrno estrangeiro; e não se conformava com a sua desgraça.

No seu desespero, o povo lia e relia estes versos e aprendia-os de cor e os que sabiam ler ou os que tinham aprendido as profecias, liam-nas ou recitavam-nas aos que não sabiam ler. E tudo isto muito em segredo, porque o Bandarra tinha sido apanhado pelo Tribunal da Inquisição e escapara por um fio.

O povo cismava nestas coisas. Aos serões por essas aldeias, juntavam-se defronte da lareira e escutavam o parecer dos mais velhos ou dos mais entendidos, sobre as profecias. E todos matutavam naquilo: O rei Encoberto, diziam os versos do Bandarra, havia de entrar a barra do Tejo numa manhã de nevoeiro. Quem havia de ser esse bom rei Encoberto, senão el-rei Dom Sebastião? Bom? Não podia ser melhor nem mais querido do povo inteiro. Quem dizia que ele tinha morrido? Ninguém o vira morrer. Desaparecera no meio da batalha, lá nos areais de Alcácer-Quibir, tão valente e tão cheio de fé... e nunca mais ninguém o vira, nem vivo nem morto. Porque não havia de estar vivo? Vivo e escondido algures, esperando a melhor ocasião de vir salvar o seu povo?

Havia muita gente em Lisboa que, apenas alvorecia um dia de nevoeiro, ia para Santa Catarina e outros altos de Lisboa, olhar para a embocadura do Tejo à espera de ver surgir à barra o navio do rei Encoberto.

A esperança transformou-se para muitos em certeza. Não havia sítio algum em Portugal, quer fôsse em cidades, vilas, aldeias ou campos, onde não houvesse gente à espera do Encoberto. E, para todos, o Encoberto era el-rei Dom Sebastião.

Esta crença do povo português durante os tristes anos da sua servidão, foi tão grande e tão forte, que ficou na história de Portugal com o nome de *Sebastianismo*. E arreigou-se tanto à imaginação e ao coração do povo, que durante anos e anos foi durando com a mesma firmeza. Passou-se um século e mais e havia sempre em Portugal quem esperasse pelo bom rei Encoberto e quem esperasse ver aparecer Dom Sebastião, na fôrça da vida, como se o tempo não tivesse passado.

E ninguém se ria do Sebastianismo porque essa fé do povo queria dizer duas coisas que devem ter sempre um grande direito à nossa admiração e ao nosso respeito: a tristeza e a saúde de um povo que tinha perdido a liberdade e o seu amor ardente pela terra de Portugal e por esse último rei herói e mártir que o representava.

Então começou a acontecer uma coisa extraordinária. Pessoas intrujonas ou pessoas bem intencionadas principiaram a querer tirar partido daquela crença do povo português, uns com a ideia de ganhar daí proveitos pessoais, outros com a esperança de promoverem uma revolta capaz de expulsar da nossa terra os espanhóis e de dar o trono a Dom António, Prior do Crato.

Começou assim:

Havia em Alcobaça um oleiro que tinha um filho muito esperto e com muito jeito para as letras. Passando naquela terra um homem que fazia rosários, agradou-se do rapazito e pediu ao pai que o deixasse ir na sua companhia para Lisboa. Assim foi. O rapazito viveu com este homem e aprendeu com ele a fazer rosários que ambos iam muitas vezes vender aos conventos.

É como o rapaz era muito vivo e engraçado, todos o conheciam e lhe faziam festa. Mas de repente declarou-se a peste em Lisboa e o vendedor de rosários ganhou medo e pôs-se a andar sem querer saber do pequeno. Este, vendo-se desamparado, foi bater à porta de um convento e lá conseguiu entrar; mas ao fim de algum tempo puseram-no fora por causa de gaiatices que fazia. Andou por aqui e por ali até que foi dar a um pequeno eremitério abandonado perto da vila de Albuquerque. Fêz-se eremita e foi vivendo do que aquêles bons devotos da terra lhe davam de esmola até que lhe apareceu a viúva de um soldado morto em Alcácer-Quibir, que se agradou muito dêle. Isto deu que falar e o prior da freguesia foi lá um dia e mandou-o embora. A viúva deu-lhe dinheiro, fato e um cavalo. Assim voltou a Alcobça onde já ninguém o conhecia e com as histórias que a viúva do soldado lhe contara, veio-lhe a idea de se fazer passar por um soldado que escapara da mortandade de Alcácer-Quibir. Contava histórias extraordinárias da batalha, e do deserto, e dos moiros, e das aventuras que lá passara, e isto com tanto jeito e habilidade que ficava tôda a gente estarrecida a ouvi-lo.

Começaram a perguntar-lhe por el-rei Dom Sebastião, mas o espertalhão mudava de conversa e tomava ares misteriosos. O rapaz não podia ser Dom Sebastião, porque só tinha vinte anos e não se parecia nada com o rei; mas a esperança no Encoberto era tão grande que muita gente começou a desconfiar que êle fôsse o rei desaparecido. Daí a pouco mais dois rapazes se juntaram a êle e começaram a contar coisas que êle dizia; e tão bem todos três representaram os seus papéis, que em breve tôda aquela boa gente se persuadiu que Dom Sebastião andava ali disfarçado no meio dêles; e não faltaram presentes em comes e bebes e dinheiro, e fato e tudo que êle precisasse.

Ora esta fama foi crescendo, e já vinha gente de longe para o ver. Mas o govêrno de Lisboa começou a inquietar-se com esta história. Os espanhóis não queriam saber de tais brincadeiras que muito bem podiam armar uma revolta do povo contra êles.

O falso Encoberto foi preso. Fizeram-no entrar em Lisboa a cavalo num burro e tiveram-no exposto numa praça onde tôda a gente o vinha ver e capacitar-se que nem pelas feições nem pela idade podia ser Dom Sebastião. Depois disto foi condenado a ir remar nas galeras até ao fim da sua vida. E quem remava nas galeras não durava muito.

Pouco tempo depois começou a falar-se de um eremita que vivia perto da Ericeira. Pessoas que tinham visto el-rei Dom Sebastião achavam-no parecido com êle e regulava pela idade que o rei devia ter se fôsse vivo. O homem chamava-se Mateus Álvares e nascera nos Açôres. Andara como noviço num convento perto de Óbidos; e daí fôra parar ao convento da Cortiça, na serra de Sintra. Mas tudo isso veio a saber-se mais tarde. Quando deram com êle na tal ermida perto da Ericeira, ninguém sabia de onde êle tinha vindo nem quem era; e êle não o dizia a ninguém.

Iam muitos devotos visitá-lo e pedir-lhe conselhos e levar-lhe esmolas e encomendar-lhe orações por isto ou por aquilo. E davam-lhe notícias do que se passava. Assim lhe contaram a história do homem de Alcobça que se

dera por Dom Sebastião. O Mateus não respondia nada, mas levantava os olhos ao céu e largava-se a suspirar.

De noite iam pessoas às escondidas espreitá-lo. Ouviam-no gemer, dizendo:

— Ai, meu Portugal! A que desgraça chegaste! Sou eu a causa da tua perdição! Infeliz Sebastião, como poderás espiar a tua culpa!

A mais e mais corria a voz de que este agora é que era o verdadeiro Encoberto. Este sim, que não intrujava e vivia como um santo. Diziam que Dom Sebastião, conhecedor do erro que cometera empreendendo a grande batalha contra os moiros, se arrependera e andava pelo mundo escondido a espiar os seus pecados.

A gente dizia:

— É aquê, é aquê, pois não vêem como é parecido com o nosso rei?

— Ai! quem lhe dera soldados para êle pôr daqui para fora os espanhóis!

A fama de que o eremitão da Ericeira era o Encoberto, alastrou e cresceu tanto que não só o povo mas até muitas pessoas de categoria estavam certos de ter ali el-rei Dom Sebastião.

A coisa tornou-se tão grave, o alvoroço da população era já tamanho, que o Governo mandou um oficial da justiça ver de perto o que se passava. Mas não pôde prender ninguém. Em volta do Mateus havia já perto de mil homens prontos a caninhar com êle; quando chegou o oficial da justiça não encontrou ninguém, e apenas êle virou costas tornaram logo a juntar-se todos.

Nesta altura, já o Mateus se dava abertamente pelo rei e todos o tratavam como tal. Dava títulos a uns e outros. Escolheu para sua noiva a filha de um lavrador rico de Rio de Moiro e coroou-a rainha com muitas cerimónias, pondo-lhe na cabeça uma coroa roubada a uma imagem de Nossa Senhora.

Começou a haver discussões e pancadaria entre os que acreditavam e os que não acreditavam, e estes apanhavam para o seu tabaco porque eram poucos.

As coisas foram em tais aumentos que o Governo de Lisboa com medo de uma revolta do povo, mandou reforçar a guarda no palácio do arquiduque Alberto, vice-rei de Portugal por parte dos espanhóis. Os espanhóis receavam uma insurreição do povo inteiro.

Lá foi outra vez o oficial de justiça à Ericeira; mas agora ia bem acompanhado com fôrça armada. Na vila da Ericeira deu-se o primeiro combate porque dos partidários do Encoberto estavam ali duzentos prontos a defender o seu rei. Mas eram poucos e mal armados e não puderam resistir muito. Oitenta foram presos, outros morreram, outros conseguiram fugir. A maior parte dos defensores do Encoberto retiraram para Tôrres Vedras onde se dispuseram a combater, mas foram também vencidos. Um grupo destes valentes entrincheirou-se numa igreja e aí combateram até morrerem todos.

O falso Encoberto conseguiu fugir e esconder-se. Mas denunciaram-no e foi preso.

Levaram-no para a casa das torturas e, apertado pelo sofrimento confessou a sua intrujice mas acrescentou que a sua idea era levantar o povo

contra os espanhóis e depois os portugueses levariam ao trono um rei a seu gôsto.

Cortaram-lhe a mão direita e depois enforcaram-no.

Mas as coisas não ficaram por aqui. Os portugueses estavam vencidos e dominados, mas não conformados com a sua sorte. A idea de se libertarem não lhes saía do pensamento.

Havia um frade de Santo Agostinho, chamado Frei Miguel dos Santos que tinha sido prègador de el-rei Dom Sebastião e confessor de Dom António, Prior do Crato, a quem era dedicado de corpo e alma e por êle se bateu até que os espanhóis lhe deitaram a mão e o desterraram para Espanha.

Frei Miguel dos Santos dava tratos à imaginação a cismar no que havia de fazer para ajudar os portugueses a pôrem os espanhóis para fora de Portugal e a levarem ao trono o Prior do Crato.

— Desterrado, longe da minha terra e vigiado como ando, que poderei eu fazer, pobre de mim? — dizia êle com Deus e consigo. — Mas enquanto Deus me der vida e saúde, hei-de barafustar.

A fôrça de barafustar teve uma idea.

Como era um grande prègador e homem de muito talento, Filipe II não quis que o metessem numa prisão e nomeou-o vigário de um convento de freiras de Santa Maria que havia numa terra, em Castela, chamada o Madrigal.

Cuidava Filipe II que o nosso Frei Miguel dos Santos, contente de se ver livre da morte e da prisão, e com o pão seguro, ali se deixaria estar quieto e calado. Mas Frei Miguel tinha um grande amor à sua terra, maior que o que tinha pela sua própria alma, queria dar-lhe um rei português e queria que êsse rei fôsse o Prior do Crato que êle tanto estimava.

Ora naquele convento do Madrigal onde êle era vigário, estava recolhida uma filha bastarda de Dom João de Áustria, chamada Dona Ana, isto por ordem de Filipe II que tinha má vontade a um seu irmão. A pobre princesa que era nova e bonita andava muito triste; o convento para ela era uma prisão e bem sabia que Filipe II nunca de lá a deixaria saír. Frei Miguel dos Santos que era o seu confessor sabia muito bem portanto, a agonia daquela triste rapariga que via a sua vida condenada a uma prisão perpétua.

Quando chegaram aos ouvidos de Frei Miguel notícias dos acontecimentos de Portugal com os levantamentos que por lá houvera com os dois falsos Encobertos, começou êle a cismar num plano que lhe pareceu bom para chegar aos seus fins.

Um dia, em conversa com Dona Ana, disse-lhe assim:

— As coisas lá na minha terra não vão boas para Filipe II. Se êle cuida que os portugueses vão ficar sempre debaixo da canga, está muito enganado. Portugal nunca esteve sujeito a nenhum estrangeiro. O verdadeiro rei de Portugal não morreu.

Dona Ana olhou para êle muito admirada e perguntou-lhe:

— Que rei? Não sei de outro rei se não Dom Sebastião, e êsse morreu como um herói combatendo os inimigos da nossa santa fé.

Frei Miguel baixou a voz e disse quasi em segredo:

— El-rei Dom Sebastião não morreu em Alcácer-Quibir. El-rei Dom Sebastião está vivo e há-de voltar a sentar-se no trono de Portugal. Mas não me pergunte mais nada porque não lhe posso responder. E não diga a ninguém o que agora ouviu. Isto é um grande segredo.

Dona Ana não se atreveu a perguntar mais nada, mas ficou a pensar naquilo. Se Dom Sebastião não morrera porque andava escondido? Onde estava? Que tencionaria fazer?

Naquela noite Frei Miguel não pregou olho. Tudo era maquinar o seu plano. Estava certo de que uma combinação bem feita daria bom resultado e acabaria de vez com o domínio espanhol em Portugal. Sabia êle muito bem que a maior parte dos portugueses só queria um pretexto para se revoltar e vir para a rua. Apesar de vigiado pelos espanhóis, Frei Miguel sempre arranjava maneira de ser informado das coisas que se passavam na sua terra e conseguia receber às escondidas cartas de amigos que lhe contavam tudo. Sabia que a gente portuguesa estava cada vez mais descontente: não só tinham perdido a sua independência, mas viam o seu comércio arruinado e todas as suas riquezas perdidas. Pela costa do reino, não havia vila, cidade ou aldeia que tivesse descanso porque os ingleses, com o pretexto de quererem mal aos espanhóis, vinham roubar os portugueses e saquear tudo que apanhavam deixando por onde passavam estragos e ruínas. O descontentamento era tão geral em todo o reino que os espanhóis já se não fiavam em nenhum português e viviam sempre à espera de uma revolta.

— Ora estando o país em tal estado, não deve ser difficil levar a bom fim o tal plano — pensava Frei Miguel. — Se apparecesse algum português que eu fizesse passar por Dom Sebastião, casava-o com Dona Ana que tem sangue real nas veias e apresentava-o em Portugal. Isto seria o sufficiente para levantar o povo inteiro e levar a gente portuguesa a fazer das fraquezas forças e a expulsar os espanhóis. Depois, quando se descobrisse o embuste, o Prior do Crato tomaria conta do reino. Bem sei que isto são grandes pecados que faço de mentiras mas Deus mos levará em conta porque os faço por amor da minha terra e do meu rei.

Mas na cegueira da sua paixão, Frei Miguel dos Santos esquecia que da mentira nenhum bem pode saír. Querêr com mentiras chegar a uma verdade é o mesmo que querer colher pão tendo semeado joio. E era tão grande a sua cegueira que nem via que estava jogando a vida daquela inocente princesa de quem era o confessor e que se fiava nêle como no representante de Deus.

E o diabo, que está sempre pronto a ajudar tais enrêdos, levou nessa altura àquela terra do Madrigal um soldado que Frei Miguel conhecera em Lisboa e que se chamava Gabriel de Espinosa. Este homem juntara uns cobrezitos e vinha ali com tenção de se estabelecer como pasteleiro pois antes de servir na tropa êsse fôra o seu officio.

Frei Miguel logo o conheceu e começou a procurá-lo e a conversar com êle e viu que o soldado era esperto e capaz de representar o seu papel. Com

muito jeito lá lhe foi contando os seus planos e o soldado mostrou-se contente com a combinação.

Quando viu as coisas em bom andamento e o pasteleiro bem compenetrado do seu papel, Frei Miguel foi dizer a Dona Ana com grande mistério que el-rei Dom Sebastião chegara ao Madrigal. Dona Ana, coitada, logo acreditou no que o seu confessor lhe dizia. O Espinosa não se parecia nada com Dom Sebastião e tinha bem mais dez anos do que el-rei teria se fôsse vivo naquele tempo; mas Dona Ana nunca vira o verdadeiro Dom Sebastião e a respeito de idade não se admirou porque lá considerou que tendo passado tantos trabalhos e desgostos, não admirava estar assim avelhentado.

Viu ela o pasteleiro uma vez que Frei Miguel lá lho levou e, depois disso, Frei Miguel arranjou as coisas de modo que se encontraram e conversaram várias vezes. O Espinosa era todo bem falante, tinha boa presença e estava bem ensinado pelo frade. Contava êle a Dona Ana a batalha de Alcácer-Quibir, e como caíra do cavalo, ferido, e ficara sem sentidos e assim caíra nas mãos dos moiros de onde escapara por milagre; e contava-lhe a sua tristeza ao ver, depois do tempo que passara na Moirama, que a sua querida terra caíra em mãos de estrangeiros. E por aqui fora, não se calava; e tais coisas disse e a princesa criou-lhe tal amizade que, ao cabo de alguns meses, se resolveu o casamento.

Então o Frei Miguel, todo contente por ver como a primeira parte do seu plano estava dando certo, animou-se a empreender a segunda; e começou a tratar da conspiração. Apenas se fizesse o casamento (e êle mesmo os casaria dizendo que tinha já para isso as licenças do Papa) iriam logo para Portugal onde se provocaria um grande levantamento contra os espanhóis.

Estava tudo assim muito bem combinado quando o pasteleiro deitou tudo a perder. A pouco e pouco aquela idea de figurar de rei e de estar noivo de pessoa tão nobre como era Dona Ana, foi-lhe subindo à cabeça. Via-se já sentado no trono de Portugal e casado com uma princesa. A sua presunção cresceu tanto e o diabo assoprou-o de tal maneira que não se teve que não principiasse a dar com a língua nos dentes. Cheio de prosápia foi dizendo em segrêdo a alguns amigos que Dona Ana lhe tinha muito amor e que ela bem sabia porquê; e tudo isto com ares muito misteriosos dando a entender que o seu destino estava marcado por Deus; e mostrava jóias que Dona Ana lhe dera.

Como os espanhóis andavam desconfiados dos portugueses e sempre àlerta, já escaldados com as histórias dos outros Encobertos, começou o pasteleiro a ser vigiado e em breve descobriram a sua intimidade com Frei Miguel e com Dona Ana. Com pretexto das jóias que êle andava mostrando, as autoridades espanholas prenderam-no por ladrão. Chegaram a imaginar que o Espinosa era o Prior do Crato.

Depois tudo veio a lume. O Espinosa e Frei Miguel dos Santos foram condenados a morrer na fôrca e assim acabaram no ano de 1595. Dona Ana foi metida numa masmorra onde penou durante quatro anos sem ver ninguém e de onde só saía para ouvir missa.

E assim acabou a história infeliz do terceiro Encoberto.

Em Portugal as coisas iam de mal a pior. Os nossos mares do Oriente onde nenhum navio estrangeiro tinha ido porque nós não dávamos licença, agora estavam abertos, porque nós não tínhamos dinheiro nem autoridade. Os espanhóis tiravam-nos tudo e deixavam o nosso Império sem defesa. O comércio dos turcos na Índia, que durante mais de cem anos, com tanto trabalho e tanto heroísmo, tínhamos destruído, agora recomeçava porque esses inimigos viam as nossas fortalezas e os nossos navios desamparados.

Os ingleses, que nunca se tinham atrevido a atacar-nos enquanto éramos fortes, agora assaltavam os nossos portos do Brasil, saqueando, roubando, destruindo. Os franceses e os holandeses acudiam também a devorar os nossos restos, a aproveitarem-se com pouco trabalho do que nos tinha custado a nós tamanho esforço e tanto sangue.

Morreu Filipe II e subiu ao trono de Portugal o segundo rei espanhol a governar a nossa terra. Em 1597 mandaram os ingleses aos Açores uma esquadra atacar as nossas ilhas onde já não havia os portugueses que dantes lhes metiam tanto medo que nunca pensaram sequer em lá ir. E roubaram e destruíram o que puderam na ilha das Flores. Mas S. Miguel defendeu-se e aquêles *valentes* da esquadra desistiram logo da empresa ao ver que os portugueses moribundos ainda eram perigosos. Acharam melhor esperar um pouco mais até eles morrerem de todo a fim de poderem roubar sem risco.

Uma outra esquadra inglesa foi a Faro; desembarcaram, roubaram tudo que puderam e incendiaram a cidade; e daí foram a Lagos, mas encontraram lá alguns navios portugueses e tropas em terra que logo os fizeram desistir da empresa.

Mas privados de dinheiro, de homens e de navios, porque os espanhóis só nos sangravam a mais e mais e nos bebiam o sangue, a nossa fraqueza aumentava e com ela aumentava o atrevimento dos ingleses, dos franceses e dos holandeses nos nossos domínios do Ultramar.

Mas Portugal ainda estrebuxava. Não era só tristeza e miséria, era raiva, desespero e desejo de independência. Bastava a mais pequena esperança de salvação e logo o povo todo estremecia, pronto a saltar, a sacudir a canga espanhola e a insolência dos outros que nos devoravam as nossas riquezas de além-mar. E isto não era só o povo; o mesmo desejo ardente animava o coração dos portugueses, desde o cavador e o operário até aos maiores fidalgos. E tão grande era esse desejo que todos se deixavam ir atrás das esperanças mais absurdas.

O Encoberto, a que agora já chamavam também o Desejado, era esperado por todos como se tivessem a certeza da sua existência.

No ano de 1598, quasi vinte anos depois de termos caído debaixo do domínio espanhol, começou a falar-se de um certo Marco Túlio que viera da Calábria parar a Veneza, homem conhecido por viver de expedientes e de vigarices.

Ora havia nesse tempo em Veneza muitos portugueses, gente que tomara o partido do Prior do Crato e conseguira fugir à vingança dos seus inimigos, e outros que se espalharam por várias cidades estrangeiras depois da

morte de Dom António com quem até aí andavam. E aconteceu que o tal Marco Túlio um dia, depois da missa, à porta de uma igreja onde iam sempre os portugueses, reparou que toda aquela gente olhava muito para êle com um modo espantado. Como era grande espertalhão e poucas coisas lhe escapavam, tratou de indagar cautelosamente a causa disto. No modo respeitoso como os portugueses olhavam para êle e no disfarce com que falavam uns com os outros, percebeu que êles julgavam reconhecer nêle pessoa importante. Marco Túlio conhecia muita gente e tinha bom jeito de fazer depressa conhecimentos. Daí a pouco sabia êle toda a história do Encoberto, daquela esperança dos portugueses de que o seu rei amado e tão desejado não fôra morto em Alcácer-Quibir. Considerou as vantagens que tiraria de se fazer passar por Dom Sebastião. Tinha o cabelo ruivo e marcas de bexigas na cara e havia uma certa parecença no seu corpo e rosto.

Lá se arranjou de modo a aproximar-se dos portugueses como quem não quere a coisa; e começou a falar-lhes com modos misteriosos e a mostrar-se sempre triste e pensativo como quem trás um grande pêso no coração. Os portugueses juntavam-se à roda dêle e observavam-no; e, vendo que êle vivia com muita economia e que nunca se queixava de nada, começaram a mandar-lhe algum dinheiro por portas travessas. Marco Túlio não cabia em si de contente; via que a sua comédia dava bons resultados.

Depois de várias hesitações e rodeios, foram dois ou três dos principais portugueses falar com êle. Ao princípio êle fingiu disfarçar e não querer dar-se a conhecer; por fim confessou que sim, que era Dom Sebastião.

Como já se disse, era esperto e tinha muita imaginação. Contou como estivera cativo dos moiros e como por fim com grandes perigos conseguira fugir com mais uns portugueses cativos como êle. E como num barquito, com grandes riscos de tempestades e piratas, tinham com a graça de Deus, chegado ao Algarve. Andara disfarçado por terras de Portugal com o coração em sangue ao ver tantas desgraças e misérias e sem nunca se dar a conhecer com receio de que o povo o não acreditasse, porque bem sabia quanto o cativo e os sofrimentos o tinham mudado de semblante. Por fim viera para o estrangeiro onde andava de terra em terra certo de que Deus o ajudaria, quando a hora chegasse, a salvar a sua querida pátria.

O intrujão era simpático e representava bem o seu papel. Tinha-se informado bem e falava de terras portuguesas como se lá tivesse estado e citava nomes de fidalgos, seus amigos antes de Alcácer-Quibir. Quando lhe perguntavam porque não falava português, soltava um suspiro e respondia que fizera uma promessa a Nossa Senhora de nunca mais falar a sua língua senão no dia em que subisse ao trono e tomasse o governo de Portugal.

Muitos dos portugueses, ajudados pela sua esperança de salvação, acreditaram no que êle dizia; outros, na dúvida, agarravam-se àquela idea, dizendo de si para si que seria uma maneira de provocar um levantamento em Portugal contra os espanhóis. Mas alguns não acreditavam nem queriam meter-se numa aventura com um intrujão.

Emfim por muito que escondessem o caso, como havia divergências de opiniões, a história começou a espalhar-se e a dar que falar até em Portugal onde

muitas pessoas se agitaram e até em Paris onde Dom João de Castro, neto do grande Governador da Índia, residia.

Chegando estas coisas ao conhecimento do embaixador de Espanha em Veneza, êste para mostrar o seu zêlo ao seu govêrno, tratou de averiguar o que se passava por meio de espiões e mandou prender Marco Túlio. Mas isto, longe de acalmar os ânimos, veio dar novos créditos as histórias do Encoberto. Muitos dos portugueses que ainda duvidavam, passaram a acreditar porque, diziam êles, para que o embaixador se metesse em tal, era sem dúvida porque a coisa lhe parecia séria.

Dom João de Castro que era um dos fidalgos mais agarrados àquela fé na existência de Dom Sebastião e grande crente nas profecias do Bandarra (pois, como muitos outros fidalgos exilados não podia crer na morte da sua pátria e estava sempre à espera da ocasião em que ela sacudisse o domínio estrangeiro e voltasse a ter o seu verdadeiro rei), tirou-se dos seus cuidados e mandou a Veneza um frade dominicano português, chamado Frei Estêvão de Sampaio, com missão de se avistar com o preso e de apurar a verdade.

Chegando a Veneza, Frei Estêvão não teve maneira de se avistar com o preso; e partiu para Portugal a fim de se informar melhor de tudo e ver retratos de Dom Sebastião e falar com pessoas que o tivessem conhecido bem. Finalmente voltou a Veneza e, com a ajuda de outros portugueses de categoria que lá estavam, acabou por conseguir que o govêrno veneziano mandasse soltar o preso. Quando Frei Estêvão viu Marco Túlio e falou com êle logo percebeu que era um intrujão. Nem se parecia com os retratos de el-rei nem tinha maneiras nem nenhum dos sinais que o frade esperava encontrar. A prisão e o susto que tivera tinham-lhe tirado aquêles ares de confiança que tomara antês. Muitos dos portugueses que, à fôrça de desejo, tinham querido ver nêle o seu rei, perderam tôda a fé e confessaram que se tinham enganado.

O govêrno de Veneza dera a liberdade a Marco Túlio com ordem de saír da cidade dentro de vinte e quatro horas e deram-lhe oito dias para saír do território da república. Marco Túlio abalou a tôda a pressa e passou-se a Florença acompanhado ainda por alguns teimosos fiéis na sua crença ou que não queriam dar o braço a torcer.

Mas, apenas o intrujão chegou a Florença, o Grão-duque da Toscana, entregou-o aos espanhóis que logo o prenderam e lhe fizeram processo. Foi condenado a remar nas galeras até ao fim da vida. Mas Marco Túlio não se deu por vencido. Lábia não lhe faltava nem esperteza. Lá conseguiu ainda intrujar alguns papalvos e com a ajuda de certos companheiros espertalhões como êle e a quem ensinou os seus papéis, recomeçou a sua história de Encoberto.

— Só me faltava remar nas galeras! — dizia êle — Tal é o calvário de um rei!

Como a coisa ia de novo tomando fôrça e as notícias chegavam a Portugal e faziam caminho, enfeitadas com muitas invenções como sempre sucede em todos os tempos às notícias que vêm de longe, o govêrno espanhol entendeu que o melhor era cortar o mal pela raiz. O processo de Marco Túlio

recomeçou e condenaram-no à fôrça, depois de lhe cortarem a mão direita. A mão e a cabeça cortadas foram expostas numa praça pública durante uns poucos de dias para que se espalhasse de vez a notícia da morte do impostor.

Alguns dos seus cúmplices também foram condenados à fôrça e outros a outras penas. Isto foi no mês de Setembro de 1603.

Mas a morte dêste Encoberto não acabou com a esperança dos portugueses no aparecimento do seu querido rei que ninguém vira morrer em Alcácer-Quibir. Durante anos e anos foram aparecendo Encobertos pelas vilas e aldeias de Portugal, alguns que tomavam êsse papel a-fim-de explorarem a boa fé dos fiéis, apanhando-lhes dinheiro e depois desaparecendo, outros que os fiéis descobriram e que se deixavam levar naquele sonho. Mas a pouco e pouco estas coisas iam tendo menos fôrça. Deixaram de provocar revoltas. O povo cada vez mais esmagado pela dominação estrangeira, empobrecido, enfraquecido, já não repontava. Contentavam-se com sonhos. No verão sentados nos degraus das portas, aos domingos, pelas vilas e aldeias, juntavam-se aos grupos e falavam baixinho das suas esperanças e dos seus sonhos; e no inverno, aos serões, em volta das lareiras contavam os vèlhos aos moços, histórias de Dom Sebastião: como era lindo e perfeito e tão forte que ninguém o poderia vencer, e que um dia voltaria, voltaria com certeza para os livrar a todos daquela servidão em que estavam e daquela tristeza tamanha.

Entre os fidalgos a esperança no Encoberto, no Desejado, foi-se apagando. Já não havia conspiradores. Só havia sofrimento. Os que podiam sair de Portugal, iam para o estrangeiro; os que não podiam, por cá ficavam a remoer raivas e tristezas. Já não esperavam o Encoberto, esperavam a ocasião de poderem levantar cabeça e de sacudir a canga que tanto lhes pesava.

Mas o povinho, êsse agarrava-se ao seu sonho. Esperava, esperava... E tanto se costumou àquela esperança e àquela fé, que depois, já depois da restauração da independência de Portugal, depois do país liberto de estrangeiros, anos e anos depois, quando Dom Sebastião ainda que tivesse escapado já não podia viver porque os anos passavam e passaram cem anos e mais, em qualquer aflição em que se via, o povo português recomeçava a esperar o Encoberto que viria salvá-lo, que havia de chegar à barra do Tejo, numa manhãzinha de nevoeiro.

**A SEGUIR:**

## HISTÓRIA DA BOA GENTE QUE SABIA O QUE QUERIA

Prof. Dr. D. RAMÓN MENÉNDEZ PIDAL

DA ACADEMIA ESPANHOLA  
E DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

POESIA TRADICIONAL  
EN PORTUGUÊS  
HISPANO-PORTUGUÊS

COMUNICAÇÃO A ACADEMIA DAS  
CIÊNCIAS DE LISBOA, EM SESSÃO  
PÚBLICA DE 31 DE MAIO DE 1948



---

*Virgínia de Castro e Almeida escreveu;  
Pamela Boden ilustrou;  
O S. P. N. mandou dar à estampa.*

**S. P. N.**



Vizinha de Castro e Almeida  
Família de Castro  
O S. P. N. mantém das 4 horas